

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LARISSA RODRIGUES BARBOZA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Porto Alegre – RS
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LARISSA RODRIGUES BARBOZA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Simone Bicca Charczuk

Porto Alegre - RS
2021

Dedico este trabalho à minha mãe Jussara Barboza, pois, esse sonho só se tornou real porque ela sonhou comigo.

Ao meu esposo João Gustavo Clementel, por todo seu companheirismo e amor e principalmente por acreditar em mim, por muitas vezes mais do que eu mesma.

Ao meu pai Geraldo Barboza por todo seu esforço na minha educação.

Aos meus sogros Elizete Clementel e João Roberto pelo enorme incentivo e apoio.

AGRADECIMENTOS

Minha jornada na UFRGS está chegando ao fim e eu não poderia deixar de agradecer as pessoas que construíram essa história ao meu lado. Primeiramente gostaria de agradecer a pessoa que idealizou junto comigo essa realização... Minha mãe Jussara, aprendi com a perda dela que alguns infinitos são menores que os outros, mas compreendi que o nosso foi perfeito enquanto durou. Agradeço por ter me dado a vida e por ter feito dela a mais bonita possível, agradeço por acreditar em mim e por me amar. Por fim, sei que ela não está presente fisicamente mas gosto de acreditar que de algum lugar ela está me vendo realizar esse sonho em ser a primeira da nossa família a se formar em uma universidade, afinal de contas, sonhos podem sim se tornar reais.

Agradeço ao meu esposo João Gustavo, por seu apoio, incentivo, amor e companheirismo, estamos realizando isso juntos, pois junto comigo ele se forma em direito aqui na nossa universidade e eu me sinto imensamente orgulhosa. Não cabem neste trabalho as palavras que definam sua importância em minha vida, ele é a prova viva de que se você tem ao lado pelo menos uma pessoa que te apoia genuinamente, você pode se considerar abençoado... É exatamente assim que eu me considero! E quem dera todas as pessoas pudessem ter alguém como ele na vida, mas que bom que eu tenho, pois, é assim que eu me reconstruo todos os dias como alguém melhor.

Agradeço ao meu pai Geraldo por todo esforço na minha criação e por mesmo em meio ao luto me presentear com todo seu amor e força para que eu chegasse onde cheguei, vê-lo com o coração cheio de orgulho me faz vibrar. Agradeço aos meus sogros Elizete e João Roberto por me incentivarem, acreditarem em mim e sempre demonstrarem seu orgulho por quem eu sou e por onde cheguei. Em especial a minha sogra, a qual me inspiro diariamente e possui grande influência na pessoa que sou hoje, agradeço por tudo que fez e faz por mim ao longo desses 8

anos que estou em sua família, ela se tornou minha figura materna e o meu consolo em momentos difíceis.

Agradeço aos meus irmãos Fernando, Anderson e André por estarem ao meu lado, mesmo discordando nós sempre nos apoiamos e no final das contas é isso que realmente importa. Aproveito para agradecer minha madrinha Ivone e minhas primas que se configuram mais como minhas irmãs, Karina e Isabela, por todo amor, apoio e companheirismo ao longo da minha caminhada.

Agradeço às minhas melhores amigas Daija, Vanessa, Luana e Laís que estiveram ao meu lado sempre e que não me deixaram desistir (por mais que às vezes batesse vontade). Em especial à Luana que esteve ao meu lado durante esses 4 anos e meio, desde o dia em que nos conhecemos prometemos que seria eu por ela e ela por mim até o fim dentro da UFRGS e assim será. Agradeço também algumas colegas que se tornaram amigas e estiveram ao meu lado durante meu percurso, compartilhando trabalhos em grupo, cafés no Antônio, almoços no RU, sonhos, alegrias e claro também decepções e dias difíceis, vejo elas chegando na reta final, e isso me deixa muito contente.

Agradeço à minha professora orientadora Simone pelo acolhimento desde o início, por todo apoio e companheirismo durante esse trajeto de construção do TCC, por sempre estar disponível e falar a minha língua, né guria? Mal sabe ela que desde quando a conheci na disciplina de psicologia eu sonhava em tê-la como minha orientadora de TCC e eu não disse que sonhos se tornam reais?

Agradeço às professoras que fizeram parte da minha graduação durante todos esses anos, algumas eu estive em sala de aula mais vezes do que outras, mas todas me marcaram de alguma forma, são profissionais que ensinam e inspiram. Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do sul, minha amada UFRGS, por me ensinar mais do que teoria e prática, por me mostrar que para ser uma professora eu necessito estar em constante aprendizagem, obrigada por me ensinar a lutar pelos meus direitos e pelos direitos dos meus, por me fazer pensar fora da caixa, cheguei com um pensamento engessado dentro desta universidade e agradeço por me fazer uma Larissa melhor.

Como diz aquela frase do pensador Yoko Ono: “Um sonho sonhado sozinho é um sonho. Um sonho sonhado junto é realidade.” Sonhamos juntos por uma educação que seja valorizada e de qualidade para todos e eu acredito que juntos ainda iremos conseguir tornar real, mas por enquanto me contento em saber que em algum lugar sempre vai ter um de nós fazendo a diferença. Por fim, agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte da minha formação como pessoa e profissional. Ah... E se estes agradecimentos não fossem poéticos, não seria eu.

“Se quiser falar aos corações dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências”.

Fontaine (SÉCULO XVII).

RESUMO

O presente trabalho caracteriza-se em uma pesquisa de estudos já realizados em relação a contação de histórias de forma lúdica e em como ela pode ser um grande potencializador no desenvolvimento infantil. O objetivo deste trabalho foi realizar uma pesquisa embasada em autores que abordassem a importância da contação de histórias e da literatura infantil no desenvolvimento da criança, dialogando ao final com as minhas vivências em sala de aula, onde realizei uma breve análise através de autores que sustentam minha fala. Para isso utilizei referências como artigos e livros de autores que trabalham essa temática e compartilham do mesmo pensamento ideológico que eu, como Bruno Bettelheim e Diana Corso. Após o trabalho cheguei a conclusão de que a contação de histórias de forma lúdica, como prática docente em sala de aula é um grande aliado na formação moral da criança e que a mesma é de suma importância para o seu desenvolvimento emocional.

Palavras-chave: Contação de histórias, desenvolvimento, emocional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 A educação infantil e suas características	12
2.2 A contação de histórias na BNCC	19
3 LITERATURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	23
4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL	29
5 METODOLOGIA	34
6 NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA	36
6.1 Livro: “Casa dos sentimentos: O danado do medo”	37
6.2 Livro: “Casa dos sentimentos: Fiquei zangada”	40
6.3 Livro: “Casa dos sentimentos: Bateu saudade”	42
6.4 Livro: “Casa dos sentimentos: Quando eu fico triste”	44
7 CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Logo que iniciei a licenciatura em pedagogia na UFRGS me tornei bolsista de contação de histórias no museu da UFRGS, permaneci por um ano no setor educativo. Íamos nas escolas e contávamos histórias de forma lúdica¹, com a intenção de resgatar a imaginação e ludicidade que muitas vezes fica para trás no ensino fundamental. Notei que era um momento de ápice para aqueles alunos, o que me levou a pensar quando isso se perdeu e de que forma podemos resgatar as contações de história como método de ensino nas escolas, ressalto que não só nos anos iniciais há essa ausência, pois, vejo muito pouco de uma contação de forma lúdica e exploratória na educação infantil que é o início do desenvolvimento das crianças.

Neste trabalho tratamos como essas histórias afetam o desenvolvimento infantil. Me pergunto porquê quando as crianças chegam nos anos iniciais elas se tornam tão robóticas. Precisamos resgatar o ensinar respeitando a infância e o tempo dos nossos alunos. Me fiz algumas perguntas enquanto observava o trabalho no museu, pois, por qual motivo quando as crianças chegam no ensino fundamental, as contações de histórias ficam para trás? Ou porque os professores se desfazem desse hábito? Cheguei à conclusão de que tanto os professores como alunos precisam estar mobilizados para engajarem-se na contação, criar um ambiente aconchegante para um momento em que, com a ajuda da imaginação, eles consigam se desenvolver e aprender.

Quando falo de estarem mobilizados trago o fato de que é necessário que haja cursos e capacitações para professores explorarem o lúdico da contação, o hábito da leitura física e da contação de histórias se perdeu ao longo dos anos, e o grande sentido disso seria a construção de modos de ensino que trouxessem a magia dela para a didática em sala de aula. Uma forma de abordar o desenvolvimento de nossos alunos e de se aproximar da realidade que eles estão inseridos.

¹ Como nos trazem Santos e Vilela (2018), “a palavra lúdica deriva do latim *ludus*, que significa brincar e divertir-se infantilmente [...]”. Também segundo as autoras, a forma lúdica de contar histórias é utilizando recursos como dramatização e caracterização.

A questão que abordo no meu trabalho de conclusão de curso é compreender, de que forma a contação de histórias pode auxiliar no desenvolvimento infantil. Os objetivos deste trabalho são: investigar de qual forma e o quanto a contação de história pode auxiliar a criança, trazendo para ela novas perspectivas de aprendizagem e vivências, possibilitando a imaginação e a exploração de seus sentimentos e sentidos. Assim como também compreender a melhor forma dela ser inserida nos planejamentos, seja da educação infantil ou anos iniciais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A educação infantil e suas características

Historicamente a educação direcionada às crianças esteve por séculos sob a tutela de seus responsáveis. O ensino doméstico limitava a cultura das crianças tendo em vista que elas socializam apenas com seu círculo de relações. Com a expansão de empresas, as mulheres ingressaram no meio de trabalho e, conseqüentemente, não tinham com quem deixar seus filhos, a partir disso iniciou o serviço de cuidadoras:

Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (DIDONET, 2001, p. 12).

A Europa teve suas primeiras instituições de cuidados à criança e o objetivo inicial era o cuidado, higiene e alimentação. Uma das primeiras instituições que tinham como intuito mais do que a assistência foi na França em 1769 com a direção do pastor Oberlin, onde ensinavam trabalhos manuais como tricotar, faziam passeios e contações de história, para que assim as crianças aprendessem novas habilidades. Para Kuhlmann Júnior (2001) ao longo dos anos as novas instituições iniciaram e já possuíam intuito pedagógico como os jardins de infância, pois deixar explícito o intuito de ensinar era uma forma de atrair famílias e assim disputar com as cuidadoras. Como relatam Paschoal e Machado (2009, p.81) a:

“Escola de Principiantes” ou escola de tricotar, criada pelo pastor Oberlin, na França em meados de 1769, para crianças de dois a seis anos de idade. Esse pastor criou apenas um programa de passeios, trabalhos manuais e histórias contadas com gravuras, nos quais suas escolas de tricô tinham

como objetivo, por meio do trabalho de mulheres da comunidade, tomar conta de crianças, ensinando-lhes a ler a bíblia e a tricotar. (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 81).

A educação infantil no Brasil teve seu início no final do século XIX, ela teve seu início marcado pelo cuidar da criança fora do âmbito familiar, a mesma era vista como um ambiente que apenas dava assistência às crianças e não como uma instituição de ensino que poderia contribuir no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da criança. A primeira e mais duradoura instituição de atendimento infantil no Brasil era a roda de expostos², o objetivo dela era resgatar crianças abandonadas, mas em 1950 o Brasil extinguiu essa instituição:

No Brasil, a Roda dos Expostos foi instituída em vários lugares, sendo que as cidades do Rio de Janeiro e Salvador foram pioneiras na criação dessa instituição. As rodas tinham como objetivo caritativo-assistencialista o recolhimento de crianças abandonadas para que estas não morressem jogadas à própria sorte, à mercê do frio e vítimas de animais. (RESENDE, 1999, p. 154).

Segundo Kishimoto (1988) os jardins de infância eram instituições infantis nas quais as suas finalidades eram educativas, então mesmo com a existência da roda dos expostos, já existiam alguns jardins de infância que eram defendidos pelo seu potencial no desenvolvimento infantil e como forma de combater a mortalidade infantil. Como nos trazem Campos e Pereira (2015, p. 27799), “‘proteção à infância’ é o novo motor que impulsiona o surgimento de associações e instituições para cuidar da criança, orientadas a combater as altas taxas de mortalidade infantil, criando entidades de amparo para proteger e guardar a criança.”.

De acordo com Kuhlmann Jr. (2005) com o aumento das instituições infantis se fez necessário a criação de um local para registrar e estabelecer um serviço de informações. O DCB, Departamento da Criança criado em 1919 pelo diretor do Ipai-RJ, Arthur Moncorvo Filho, visava fiscalizar os locais de atendimento infantil e combater os locais que davam assistência às crianças de forma precária.

² De 1825 a 1950, bebês eram deixados em uma roda de madeira por pais que não podiam criá-los.

Devido a muitos fatores como o aumento da mão de obra feminina, era reivindicada pelas mulheres que trabalhavam a criação de instituições educacionais e segundo, Paschoal (2009), ao longo dos anos, as conquistas vêm sendo feitas através de protestos de nós mulheres reivindicando o básico dos nossos direitos e ainda sim até hoje continuamos nessa luta por igualdade no ambiente de trabalho, sabemos que os movimentos feministas contribuíram na luta pelo direito de todas as mulheres de estarem no mercado de trabalho. Nessa circunstância não foi diferente pois, independente da condição econômica e da classe social, era necessário que fosse um direito de todos.

As instituições privadas desde o início visavam o desenvolvimento do ponto de vista pedagógico, já a pública tinha como maior preocupação suprir as carências das crianças que por ela eram atendidas. Com isso presenciamos o início dessa desigualdade na escolarização, desde sempre as crianças de classe social média/alta recebem uma educação de elite com maiores condições de ingresso nas universidades. Sabemos dessa desigualdade e que ela se faz persistente até hoje, tanto que para um jovem de classe baixa entrar na universidade é necessário pagar por cursos preparatórios e, mesmo assim, ainda é complicado, pois a maioria precisa trabalhar para pagar pelos mesmos. Por conta disso:

Inaugura -se no Brasil um extenso e tortuoso processo de transformação do caráter assistencial para o educacional o atendimento das crianças das creches e pré-escolas, a educação de zero a seis anos de idade como direito da criança e não da mãe trabalhadora. A recomendação legal de uma função educativa ao atendimento institucionalizado da criança desencadeou discussões sobre o tipo de trabalho pedagógico adequado a esse segmento [...]. (GUIMARÃES, 2017, p. 122).

Junto com a criação das instituições se fez necessário a criação de uma legislação, para que assim fosse regulamentado e inspecionado os trabalhos feitos nas escolas. A Constituição Federal de 1988 possui, no Inciso IV de seu Artigo 208, a garantia de que a criança terá seu direito à educação, não só assegurando o direito à Educação Básica, mas também creches e pré-escolas. Nele, se evidencia que “o

dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade.” (BRASIL, 1988).

Após a inserção desse artigo em defesa da criança foi aprovado em 13 de Julho de 1990 o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente³ (BRASIL, 1990), que inseriu crianças e adolescentes no artigo de defesa dos direitos humanos. Um marco importante para a proteção e garantia de direitos deles.

Entre 1994 à 1998 foi criado pelo Ministério da Educação a Política Nacional de Educação Infantil, que visava a formação qualificada dos docentes e a melhoria de suas práticas pedagógicas em âmbito escolar. Em meados de 1996 foi criada a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁴ A LDB, nela a educação infantil ocupa o posto de primeira etapa da educação básica, auxiliando no desenvolvimento e proporcionando aprendizagens e a socialização para crianças de 0 a 6 anos de idade. Conforme o texto legal:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da sociedade. (BRASIL, 1996).

A citação acima fala sobre a educação infantil ser caracterizada como uma peça chave para o desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos. Quando pensamos em desenvolvimento nos vem à cabeça o falar, socializar, desenvolvimento físico e motor, aprender a escrever e até mesmo ler, como acontece em algumas escolas privadas, mas esquecemos do desenvolvimento próprio da criança que a escola proporciona, o brincar com o próximo e o brincar com o auxílio da imaginação, o desenvolvimento emocional que concede às crianças a capacidade de compreender o outro e não só a si mesmo.

³ É o conjunto de normas do ordenamento jurídico brasileiro que tem como objetivo a proteção integral da criança e do adolescente, aplicando medidas e expedindo encaminhamentos para o juiz.

⁴ Lei número 9394/96 aprovada em 20 de dezembro de 1996, criada no intuito de garantir o direito a toda população de ter acesso à educação gratuita e de qualidade, visando valorizar os profissionais da educação e estabelecer o dever da União, do Estado e dos Municípios com a educação pública e de qualidade.

Consciente da importância da educação infantil na construção do sujeito, ela se torna um direito da criança sendo complementada na Constituição Federal no art.208, inciso IV “o dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade.” (BRASIL, 1988). Dessa forma é investido cada vez mais em formas de melhoria para a docência, para que assim seja feita uma prática que proporcione vivências, aprendizagens e acolhimento na infância. Educar nossos alunos visando não só o desenvolvimento intelectual, mas também o seu desenvolvimento pessoal e com o outro, uma vez que como nos evidenciam Paschoal e Machado (2009, p.85), “do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido.”.

Lembrando que no início o intuito era apenas cuidar as crianças, isso não se perdeu com o tempo, em um ambiente escolar a prática docente inclui o cuidado como base no currículo, não importa o quão engessado é o ambiente escolar, o cuidado permanece, e isso é de fácil compreensão, pois a criança está aprendendo sobre a vida, sobre os perigos, sobre a forma de se portar e sobre como tratar o outro, compreendemos com isso o motivo da educação infantil ser vista como uma extensão do lar, desta forma é de suma importância o olhar sensível e cuidadoso do docente e de todos inseridos na instituição. Assim compreende-se que:

Pensar na construção do ensino/aprendizagem levando em consideração as relações afetivas dos indivíduos é ampliar as possibilidades para criações, para processos de construção de conhecimento significativo e noção de pertencimento ao espaço de ensino/aprendizagem e à comunidade em que se está inserido. (SOUZA, 2020).

Quando falamos sobre a educação infantil ser um direito da criança, devemos levar em consideração os percalços que ocorrem, e o porquê de muitas crianças não estarem nas escolas. Começamos pelo número de vagas que sempre tem um limite e muitas famílias acabam ficando na lista de espera, assim como o acesso às escolas,

o fato de não ter quem leve ou de não ter como sair de casa para ir à escola. Como é o caso de bairros que alagam ou que vivem à mercê das organizações criminosas.

Pensando nessas dificuldades que a educação infantil enfrenta, foi criada e aprovada em 2001 a lei nº 10.172/2001 que é o Plano Nacional de Educação que estabelece vinte e seis metas para a educação infantil. Em seu Artigo 1 “fica aprovado o Plano Nacional de Educação, constante do documento anexo, com duração de dez anos.” (BRASIL, 2001).

O objetivo das metas é reduzir esse número tanto quanto expressivo de crianças fora da escola, assim como diminuir as evasões por difícil acesso. Dentre essas metas há o que citei acima, aumentar o número de vagas para que mais crianças tenham acesso, porém sabemos que ainda sim é pouco, na comunidade em que eu vivia era possível observar, muitas crianças ficavam sob os cuidados dos irmãos mais velhos, pois não haviam conseguido vaga nas escolas de educação infantil. Esta realidade é mencionada pelo supracitado texto legal em sua meta 7.1, que afirma que:

A heterogeneidade e a diversidade são elementos positivos, pois permitem atender a uma demanda muito variada. Mas há fatores preocupantes. O principal deles é que a oferta é pequena: embora, de acordo com as estimativas mais recentes, já atinja cerca de cinco milhões de trabalhadores, está longe de atingir a população de jovens que precisa se preparar para o mercado de trabalho e a de adultos que a ele precisa se readaptar. (BRASIL, 2001).

Compreendo ser necessário um grande investimento financeiro para que haja mais vagas nas escolas existentes e, conseqüentemente, a criação de novas escolas, mas como já era de se esperar o investimento em educação sempre fica um passo atrás, desde 2001 até os tempos atuais houve criação de escolas e aumento de espaços escolares, mas ainda não está de acordo com o número de crianças que necessitam da educação infantil pública. Sendo um direito da criança de 0 a 6 anos estar no ambiente escolar, seria necessário no mínimo haver espaço escolar o suficiente para todas elas. Mas o foco deste trabalho não está na ausência de

investimento do governo na educação, porém é sempre algo passível de se falar para que estejamos conscientes da realidade que nos cerca.

A formação docente é outro ponto importante a ser abordado, é enfatizado que o docente, além de ter uma formação, precisa estar em constante aprendizado. A grande questão é que o que somos como docentes nós construímos no dia a dia em sala de aula, em nossa prática pedagógica. Na universidade temos uma aprendizagem branda sobre todos os conhecimentos que devemos compartilhar com os alunos, sabemos que 4 anos é um tempo curto para aprendermos sobre ciências, história, geografia, matemática e sobre os conhecimentos cognitivos, intelectuais e sociais das crianças, o curso de licenciatura tenta nos passar o máximo possível, mas precisamos nos aprofundar em mais práticas com o passar dos anos. A universidade não nos diz como ser professor, tal ofício é constituído ao longo de uma vida formativa. Sempre procuro ressaltar quando escuto que “tenho o dom” para ser professora, que não é questão de ser um talento/dom mas sim muito estudo, aperfeiçoamento e prática. Sendo assim, a formação docente de qualidade e contínua é importante para o decorrer da educação infantil. No Plano Nacional de Educação (2001), está especificado em seu quarto objetivo a:

Valorização dos profissionais da educação. Particular atenção deverá ser dada à formação inicial e continuada, em especial dos professores. Faz parte dessa valorização a garantia das condições adequadas de trabalho, entre elas o tempo para estudo e preparação das aulas, salário digno, com piso salarial e carreira de magistério (BRASIL, 2001).

No percurso de construção docente compreendemos a importância de termos no que se espelhar e uma regulamentação para seguir, para que assim nosso trabalho como docentes em sala de aula seja mais efetivo. Com isso a BNCC foi criada em 2018 tendo como principal intuito nos guiar sobre quais são as aprendizagens que nossos alunos têm a desenvolver e em quais faixa etárias elas estão inseridas.

2.2 A contação de histórias na BNCC

A contação de histórias está presente na educação infantil desde o início no berçário. Quando, através de livros ilustrados, a docente proporciona aos bebês seus primeiros contatos com a literatura, assim reconhecendo as ilustrações e explorando-as. Na BNCC de 2018 não consta uma etapa definida somente para contações de histórias, mas ela se faz presente nos campos de experiência de fala, escuta, pensamento e imaginação, com alguns objetivos abordados como auxiliares no desenvolvimento da criança. Abaixo trago os primeiros objetivos para bebês de 0 a 1 ano e seis meses:

(EI01EF03) Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas).

(EI01EF04) Reconhecer elementos das ilustrações de histórias, apontando-os, a pedido do adulto-leitor. (BRASIL, 2018)

Como podemos observar, a contação de histórias já entra no processo de aprendizagem com o objetivo de mobilizar o interesse pelo hábito de ouvir histórias e explorar os elementos utilizados na contação, seja o livro ou os objetos lúdicos que o adulto contador utiliza, assim como inicia seu processo de reconhecimento de cada elemento presente na contação.

(EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.

(EI02EF05) Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidas, etc.

(EI02EF06) Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos. (BRASIL, 2018).

Acima trouxe os objetivos da BNCC para crianças pequenas, de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses. Como descrito nos objetivos, as crianças nessa etapa do desenvolvimento iniciam seu processo de reconhecimento com as histórias, fazem

questionamentos, se identificam com personagens e conseguem estabelecer uma relação entre as suas vivências e a história contada. Desse modo é de suma importância na contação de histórias haver uma contextualização, fazendo a correlação da história com a vivência da criança, questionando-a ao final para compreender se ela conseguiu estabelecer a relação com a vida real e a história.

Assim como nesse momento a criança inicia o seu processo como recontadora, onde ela escuta a história e reconstrói para seus colegas ou familiares, o relato é importante para a compreensão da história contada. A criação da sua própria história, utilizando a imaginação como aliada, é um grande passo para as crianças, pois, a partir desse momento, elas criam uma nova realidade, novos personagens e permitem mobilizar a imaginação.

Abaixo trago os objetivos da BNCC para crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses onde podemos observar um avanço desde o primeiro contato com a contação quando eram bebês:

(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

(EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.

(EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.). (BRASIL, 2018).

Objetivos focados em um contato mais íntimo com os livros e a contação, onde eles exploram os livros e fazem uma identificação de letras e palavras conhecidas, isso é possibilitado através também do início do processo de letramento. Produzir suas histórias oralmente é de suma importância para o desenvolvimento social da criança, permitindo-a explorar suas vivências e criar histórias semelhantes com personagens fictícios.

Como ferramentas de aprendizagem o gênero da contação de histórias se torna um importante avanço, pois a partir daí eles já começam a fazer suas separações de histórias, fábulas, histórias em quadrinhos e outros gêneros em geral,

demonstrando seus gêneros favoritos, isso é um grande auxílio para o docente em sala de aula, pois ele consegue trazer para suas aulas formas de histórias que sejam atrativas para seus alunos, que os permita entrar na história.

Depois de trazer esses pontos importantes da BNCC para o desenvolvimento das crianças, podemos refletir o quão enriquecedor é promover essas experiências com as histórias para eles, pois é através dessa escuta atenta, da capacidade de recriar uma história de algo já vivido por eles e de fazer associações com suas vivências que a criança passa a se constituir como sujeito único, compreendendo sua singularidade e a do outro. Sobre o campo de experiência da escuta, fala, pensamento e imaginação a BNCC afirma que:

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. (BRASIL, 2018, p. 44).

Sendo assim, proporcionar para nossos alunos a contação de histórias e o contato com os livros é uma forma de mobilizar neles o interesse pela leitura, isso é algo que se perdeu ao longo dos anos e que precisamos resgatar, a leitura é importante no processo de letramento e alfabetização mas não só isso, ela é importante no desenvolvimento da criança e no processo de socialização e conhecimento dela e dela com o mundo.

Quando falamos sobre socialização com o eu e o próximo, isso só é possível através do despertar da autonomia da criança e para isso a rede de apoio é de suma importância. Segundo Menegon, Lopes e Moraes (2021, p.3):

A leitura na educação infantil começa-se no período da pré-escola por volta dos quatro anos de idade, dessa forma, a educação pré-escolar, é entendida como primeira etapa da educação básica, visa o desenvolvimento equilibrado de todas as potencialidades da criança, proporcionando-lhe oportunidades de autonomia e socialização, preparando-a para uma escolaridade bem sucedida e constituindo apoio importante a família.

Sendo assim, a leitura sendo proporcionada desde a educação infantil é um grande auxílio no desenvolvimento da criança seja na sociabilidade, autonomia ou inserção no universo literário.

3 LITERATURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O ato de ler começa desde os nossos primeiros momentos da infância, nós fazemos nossa leitura do mundo e da vida, seja através do toque, sentindo as diferentes formas e texturas, do cheiro das pessoas, da natureza e do nosso alimento, ou observando ao nosso redor as cores, as pessoas e os movimentos que elas fazem. Depois vem nosso primeiro contato com a descoberta das imagens que contam histórias, seja um álbum de fotografia de família, uma revista, jornais ou livros, ao analisarmos pela primeira vez essas imagens com o auxílio da nossa imaginação fazemos suposições, criamos e recriamos histórias, esse é o nosso segundo contato com a leitura. O terceiro se faz através do reconhecimento das letras e das palavras, começamos a compreender que elas fazem um som juntas diferente de quando estão separadas, compreendemos através da alfabetização e letramento como é a leitura e a partir disso não só lemos histórias como também escrevemos as nossas, como nos descreve Freire (1988, p.9):

Ao ir escrevendo este texto, ia "tomando distância" dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a "leitura" do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura do "palavramundo".

Para Freire o ato de ler se faz presente nas nossas primeiras visões da vida, se tornam memórias visuais que podemos recriar sempre que queremos. E isso se deu antes dos textos, palavras e letras. E o ato de contar histórias de forma lúdica é uma parte importante para a inserção no mundo da leitura, ao contar uma história nós recriamos uma narrativa com nosso jeito de contar e interpretar, quando uma criança escuta uma história ela imagina a mesma, quando ela assiste uma contação lúdica ela vivencia essa história interpretada pelo contador.

As contações são feitas através das histórias que estão nos livros, proporcionar aos nossos alunos esse contato com os livros desde o início da infância pode ser a

oportunidade de fazer deles no futuro adultos leitores ou que, pelo menos, se interessem por ler e imaginar histórias. Uma criança ao pegar um livro e olhar as figuras já está fazendo a sua leitura visual, reconhecendo as imagens e o que os personagens estão fazendo, assim como a criança que está iniciando seu processo de letramento ao folhear um livro consegue identificar as letras e palavras conhecidas. Segundo Vendrame e Paula (2020, p.3):

A contação de histórias é uma prática que promove a leitura e o acesso à literatura. Os contadores possibilitam o encantamento das crianças, dos jovens e dos adultos pela descoberta do mundo literário e, ao mesmo tempo, promovem processos humanizadores.

A contação de histórias depende da intencionalidade da narrativa e do público atraído no momento, o contador precisa saber o que e para quem vai falar. Se estabelece um clima de aliança entre quem conta e quem escuta. Na prática contar histórias trabalha lado a lado com a alfabetização e a prática da leitura em sala de aula. Leve-os para uma nova realidade que vá além do que os olhos podem enxergar, onde a fantasia e o enredo serão capazes de inspirar os alunos a se desenvolverem.

Desde os tempos antigos os povos utilizavam das contações de histórias, fábulas e lendas dos seus antepassados para compartilhar suas experiências vividas, em alguns povos havia os contadores fixos, somente eles poderiam repassar as histórias, contando apenas com a ajuda da sua memória. Povos como da África Antiga contavam histórias cantando, como uma forma de atrair a atenção dos ouvintes, podemos perceber que a história contada somente através da oralidade já existia nos tempos primórdios, como nos traz Pereira (2020):

Contadores de histórias, mensageiros oficiais, guardiões de tradições milenares: todos esses termos caracterizam o papel dos Griots, que na África Antiga eram responsáveis por firmar transações comerciais entre os impérios e comunidades e passar aos jovens ensinamentos culturais, sendo hoje em dia a prova viva da força da tradição oral entre os povos africanos.

Aos poucos a infância foi sendo reconhecida como público importante no consumo de histórias, mas somente no final do século XVII e durante o século XVIII que as obras literárias começaram a ser readaptadas pensando no público infantil. De acordo com Silva (2020, p.19):

A literatura infantil, como a conhecemos hoje, teve seus primórdios por volta dos séculos XVII e XVIII, juntamente com a noção de infância, criada pela sociedade urbana quando em seu processo de estruturação. Não há registros de histórias para crianças antes disso, até porque o conceito de infância simplesmente não existia.

Segundo Rocha (2011, p.3) “[...] as histórias que conhecemos hoje, eram histórias coletadas do folclore, da sabedoria popular, não tendo nenhuma ligação direta com crianças.”. No Brasil consumimos ao longo dos anos muitos autores estrangeiros como Charles Perrault⁵, Hans Christian Andersen⁶ e os irmãos Grimm⁷.

De acordo com Perez (2021), Charles Perrault (1628-1703) era um poeta e advogado, sua primeira coletânea XVII surgiu em meados do século, no livro ele reuniu diversas histórias e foi fiel as mesmas que se originaram oralmente e ainda não haviam sido documentadas como: Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; As Fadas; Cinderela ou A Gata Borralheira; Henrique do Topete e O Pequeno Polegar.

Citado por Abramovich (1991) como o poeta da infância e filho do povo, Hans Christian Andersen (1805-1875) era um escritor dinamarquês que em seus contos defendia valores e ideais através também da sua fé cristã. Os mesmos possuem uma visão real da vida e por não abordarem o famoso final feliz são considerados tristes. Algumas de suas histórias são: O Patinho Feio; O Soldadinho de Chumbo; Os Sapatinhos Vermelhos e A Pequena Vendedora de Fósforos que inclusive é um dos que mais exemplifica o estilo de Hans.

Os irmãos Grimm são dois irmãos escritores alemães, Jacob Ludwing Carl Grimm (1785-1863) e Wilhelm Carl Grimm (1786-1859) que, segundo Perez (2021),

⁵ Autor de Bela Adormecida, Gatos de botas dentre outros.

⁶ Autor de A pequena sereia, Soldadinho de chumbo dentre outros

⁷ Autores de Branca de neve e os sete anões, Rapunzel dentre outros.

são considerados os responsáveis pelo gênero literatura infantil ganha espaço na europa e se fixar como um gênero literário. Eles ficaram conhecidos por fazer adaptações de histórias que já existiam, todos um tanto quanto sombrios e trágicos e tendo dito isso, vale lembrar da adaptação feita por ele em Chapeuzinho Vermelho onde a menina era enganada pelo lobo e comia a própria avó. Dentre suas narrativas cito algumas como: A Gata Borralheira; Os Músicos de Bremem; João e Maria e Branca de Neve e os Sete Anões.

Segundo Salem (1970), no século XX ainda continuam surgindo as traduções de histórias de ficção do passado, das obras que se tornaram adaptações especiais para as crianças, versões novas das fábulas, romances e das aventuras, tudo é assunto trazido com carinho pelos autores infantis para a recreação dos pequenos leitores. Com esse feito a literatura infantil foi se expandindo de modo que:

Muitos dos autores aqui mencionados não escreveram intencionalmente para crianças, contudo suas obras fizeram sucesso entre este público depois de publicadas e seus livros foram adaptados com direcionamento aos leitores não adultos posteriormente. (SILVA, 2020, p. 20).

De acordo com Silva (2020), a literatura infantil brasileira pode ser dividida em três fases, a primeira eram a tradução dos contos europeus como os de Perrault e etc...Assim como em 1888 Olavo Bilac (1865-1918) escreveu um livro de poesias dedicado às crianças "Poesias infantis". A segunda fase se deu através do reconhecimento e da inserção de Monteiro Lobato⁸ na literatura infantil brasileira e assim outros autores começaram a valorizar a infância leitora e nosso leque de autores brasileiros de literatura infantil aumentou. A terceira fase trazida por Silva (2020) seria a que nos encontramos atualmente, onde adaptam temáticas adultas para as histórias infantis e os livros-objetos que foram criados no intuito de fixar a atenção das crianças leitoras.

O trabalho com as histórias infantis mobilizou nossa imaginação durante seu desenvolvimento e, conseqüentemente, é um fator necessário para criarmos o prazer da leitura em nossas crianças. Hoje, apesar do uso de recursos literários para apoiar

⁸ Autor de Sítio do Pica Pau Amarelo

o ensino, a contação de histórias de forma lúdica, como uma prática docente em sala de aula tem diminuído, é preciso compreender que isso é um meio necessário para novas práticas de ensino. A leitura necessita ser provocada, precisamos tornar esse hábito agradável pois, quando planejamos uma aula devemos refletir sobre o impacto que aquela história causará em nossos alunos, não basta entregarmos um texto sem conexão e tornar obrigatória a leitura dele, precisamos que haja interesse da parte dos alunos para que se torne um ato prazeroso. Conforme Abramovich (1991, p.17):

Ler histórias para crianças [...], pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões [...]. É uma possibilidade de descobrir um mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...], através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada um a seu modo) [...].

Vivemos em uma era digital onde tudo é feito por intermédio de telefone e computadores, isso não é exclusivamente algo negativo, pelo contrário, é um método de aprendizagem útil, mas um não deve excluir o outro, nossa contribuição é fundamental para mobilizar leitura em nossos alunos. Segundo Tossi (2018), as histórias são importantes na formação da criança, pois através da escuta de cada contação de história ela descobre algo de novo no mundo e expande sua compreensão do mesmo e das pessoas ao seu redor.

Como sustentam Vendrame e Paula (2020), o ato de contar histórias e não apenas ler essas histórias para as crianças, promove não só o acesso à leitura como também contribui para a inserção das crianças na literatura, pois o contador se coloca como mediador do interesse da criança pelas histórias que existem nos livros. Quando os contadores contam uma história explorando a oralidade e ludicidade eles tornam esse momento atrativo e agradável para os ouvintes e assim os induzindo a conhecer os livros e recontar as histórias através dos seus sentimentos e da sua forma de ver o mundo. As autoras explicam que:

Ao contar e recontar histórias da Literatura Infantil, o contador promove a mediação da linguagem, potencializa as interações e assegura o desenvolvimento infantil. Tais atividades possibilitam às crianças interagirem com o mundo da fantasia e dos símbolos, pois, a partir das narrativas, elas apresentam suas opiniões e seus sentimentos. (VENDRAME; PAULA, 2020).

Segundo Prais, Modesto e Tomizaki (2016), o professor se torna uma figura importante na formação de novos leitores, sendo assim ele necessita de um material teórico que permita a sua prática pedagógica ser efetiva e atrativa para as crianças, não preocupando-se apenas com a alfabetização e letramento, mas com o auxílio na formação de cada aluno. Respeitando cada fase de desenvolvimento de seus alunos, provocando seu senso crítico, sua compreensão do mundo e o interesse pela literatura infantil. A formação da consciência crítica ao ato de ler se dá pela escolha do professor ou contador, a partir do momento que é escolhido uma temática que envolve a realidade na qual a criança está inserida. Para Baldi (2009) essa é a forma de selecionar uma história que possibilite o interesse pela leitura nas crianças.

O mundo literário infantil cresceu muito nos últimos anos e pudemos apreciar muitos autores consagrados na literatura brasileira que se aventuraram na literatura infantil como: Mário Quintana, Cecília Meireles, Clarice Lispector e etc... Sendo assim, compreendemos a importância da literatura infantil na educação infantil e nos anos iniciais, possibilitando às crianças vivenciar situações se colocando no lugar dos personagens utilizando da sua imaginação e criatividade uma vez que “[...] agora como no seu início, a literatura infantil, procura não só recrear, mas também instruir.” (SALEM, 1970).

Por meio de escolhas intencionais de textos literários que envolvam a criança, que a coloquem em seu contexto vivenciado socialmente, para que assim ela passe a enxergar os livros literários como algo a mais que somente ler e decodificar as palavras, pois a criança que escuta histórias desde pequena provavelmente se tornará um adulto leitor. (SILVA, B. 2008).

4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Ao pensar sobre a contação de histórias e o desenvolvimento infantil, a destaque como prática docente em sala de aula. Quando inserimos a contação de forma lúdica nas nossas práticas pedagógicas traçamos um caminho que foge da monotonia, principalmente nos anos iniciais onde a ludicidade deixa de ser o ponto mais importante na prática docente. Como relata Santos (2014, p.10):

Infelizmente muitas escolas acham esse método ultrapassado, antigo e sendo assim, acabam não investindo em espaços específicos para a contação de história, nem na especialização dos educadores para desenvolver a contação. As instituições de ensino têm o papel fundamental para contribuir e estimular a contação de história na educação infantil.

Santos (2014) destaca que “o professor deve usar de várias táticas para desenvolver em seus alunos a hábito de escutar histórias”, a utilização dessa prática não é tão fácil, tendo em vista as condições dele e da escola na qual trabalha, também ressalta que é importante cursos para se aprofundar na contação de histórias e nos métodos utilizados para a contação, como a ludicidade, assim a experiência do professor e do aluno se torna aproveitável. A contação vem como uma ferramenta tanto para a distração quanto para mobilizar a imaginação das crianças, assim como a capacidade de desenvolver a oralidade, a socialização e o cognitivo.

Segundo Marineis Oliveira (2020), a contação tem um papel importante no desenvolvimento da linguagem da criança, pois ela inicia ouvindo as histórias e verbalizando com o corpo e os movimentos, com o passar do tempo ela vai se desenvolvendo e começa a utilizar como meio de comunicação a oralidade, isso se dá através da escuta e reconto da história. Para Coelho (1997, p.13), “é necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas”, para que seja de fácil compreensão.

Busatto (2011, p.45) afirma que: “[...] conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário [...]”. Deste modo sua argumentação aborda os diversos pontos em que a contação pode ser importante no desenvolvimento, e isso só pode ser necessário através da mesma, pois sabemos que no mundo atual se torna difícil competir com as tecnologias que brilham os olhos das crianças, mas contação de histórias é um recurso que promove o encantamento se apresentarmos os livros para eles desde o início de uma forma atrativa e lúdica, conseguiremos aproximá-los do mundo literário.

Em relação ao desenvolvimento da criança, precisamos levar em conta as formas com a qual a contação de histórias aborda problemas e sentimentos diários que as crianças sentem. De acordo com Bettelheim (2002), as histórias trazem, em algumas ocasiões, as soluções e a melhor forma de aprender com nossas vivências. Através da contação de histórias é possível abordar uma infinidade de temas importantes de serem debatidos durante a constituição das crianças, como os sentimentos e o bem e mal.

Sabemos que o mal é uma característica presente em praticamente todas as histórias infantis, isso auxilia a criança a identificar inconscientemente o bem do mal e com isso inicia o aspecto de separar herói/heroína de vilã/vilão. A questão que as histórias trazem de lutar contra as adversidades da vida para no final obter êxito satisfaz o inconsciente da criança, segundo Bettelheim (2002), estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento.

As histórias modernas estão sendo escritas de uma forma que não aborda mais essas questões existenciais como o mal, o perigo, a morte e etc.. Questões que são importantes para a criança iniciar sua compreensão de que a vida tem seus percalços e não vivenciamos somente coisas boas. De acordo com Bettelheim (2002, p.7), “a criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre a forma como ela pode lidar com estas questões e crescer a salvo para a maturidade”. As histórias, confrontam a criança com questões pertinentes para o seu crescimento, praticamente todos possuem um dilema na história que precisa ser solucionado ou enfrentado.

As histórias infantis, além de abordarem sentimentos e situações vivenciadas no decorrer do desenvolvimento da criança, trazem histórias que abordam o crescimento da criança e sua curiosidade em compreender como o mundo é e conhecer suas especificidades. Quando somos crianças a nossa imaginação viaja em torno do que seremos como adultos e o que faremos na nossa vida, e algumas histórias como por exemplo “O pequeno polegar”⁹, que fala sobre um menino de uma família pobre que tinha 7 irmãos e dentre todos ele era o menor e de tão pequeno que era, o apelidaram de o pequeno polegar, o pai por ser pobre abandonou os irmãos na floresta e eles precisaram aprender a encarar a vida sozinhos, mas polegar persistiu e acabou dando a volta por cima. Essa história demonstra que conquistamos o que desejamos através de determinação, pois foi assim que o polegar se livrou dos percalços e dificuldades da sua vida, essa perspectiva que a história aborda auxilia a criança a compreender que a vida adulta não é fácil, mas com persistência e determinação é possível alcançar o que se almeja.

Partindo do ponto de crescimento e amadurecimento pessoal, destaco em relação a algumas histórias que abordam a identidade, sobre se reconhecer como pessoa e sujeito de uma sociedade. De acordo com Abramovich (1991, p.133), “[...] a questão é descobrir quem somos, perceber o quanto podemos, saber com quem contamos e o que desejamos[...]”. De fato é importante que saibamos sobre nós e sobre o mundo que nos rodeia, para que assim possamos encontrar nosso habitat. Histórias como “O patinho feio” (ANDERSEN, 1843) abordam a identidade e a importância de se reconhecer através dos seus próprios olhos e não pelo que a sociedade nos impõe.

A perspectiva da criança em relação às histórias ouvidas se dá na mesma intensidade que os adultos, por meio da sua intuição e do seu inconsciente. Mesmo que ainda não haja o conhecimento racional das situações vivenciadas na história, a criança tem a capacidade de fantasiá-las na sua mente. Com isso evidenciamos a importância de trabalhar o lado negativo das emoções, como a tristeza, a raiva, a dor e a morte. A respeito disso Bettelheim (2002, p. 10) afirma que: “os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas são todos

⁹ O pequeno polegar é uma obra que foi recontada pela primeira vez por Charles Perrault.

negados em grande parte da literatura infantil moderna, e assim a criança não é ajudada a lidar com eles [...]” e além disso os pais por verem os filhos vivenciando esses sentimentos acabam por tentar mascarar acreditando estar protegendo a criança de tais ânsias e temores. As histórias infantis e os contos de fadas, vem com esse diferencial trabalhando temas que podem causar certa perturbação, mas auxiliam a criança a assimilar essas sensações e valores complicados. Bettelheim (2002, p.11) sustenta que:

O conto de fadas, em contraste, toma estas ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte. Ademais, o conto de fadas oferece soluções sob formas que a criança pode apreender no seu nível de compreensão. (BETTELHEIM, 2002, p.11).

De acordo com Abramovich (1991) as histórias infantis falam de como essas turbulências internas que fazem parte da mente humana, também podem ser resolvidas através do encantamento e da magia, falam de pessoas e sua busca pela tão esperada felicidade, a mesma que está na nossa frente e mesmo assim insistimos em procurá-la no futuro e não valorizá-la no presente. São infinitas possibilidades de aprendizagens ao ler e contar uma história, além de mostrar a importância de aprender a lidar com essas questões existenciais e compreendendo que apesar de parecermos sozinhos, a gente quase sempre tem alguém para nos apoiar e nos ajudar a enfrentar tais obstáculos.

As histórias possuem essa forma significativa de ajuda, como a fada madrinha e objetos\animais que ganham vida, para Coelho (2008), essas alegorias são criadas pela nossa mente indo ao encontro ao que acreditamos, para que seja uma forma de nos auto ajudar a pensar e resolver nossos problemas e questões emocionais. Elas também abordam conflitos internos e externos vivenciados pelos personagens, no qual o leitor ou ouvinte da história se identifica. A autora também afirma que os finais felizes nas histórias trazem esperança após passar pelas provações. Bettelheim (2002) afirma que “a criança entende isto muito bem. Nenhuma delas acredita que um

dia virá a ser governante de um reino além do de sua própria vida. A história de fadas assegura-lhe que algum dia este reinado poderá ser seu, mas não sem lutas.”.

Segundo Abramovich (1991), ao ouvir uma história a criança é estimulada a teatrar, a imaginar, a brincar, a escrever e a querer ouvir outra história. Percebemos de fato como as histórias infantis podem ser um complemento na evolução da criança. Falamos sobre senso crítico de conhecer a si mesmo e ao outro, respeitando as diferentes realidades; o raciocínio de pensar de que forma poderiam lidar se estivessem vivenciando o que o personagem em questão está; a imaginação que é a base de tudo pois, através dela a criança consegue vivenciar a história que escuta e lê; e a criatividade que é impulsionada pelo quão longe sua imaginação pode chegar.

Contar histórias é uma forma de entretenimento, mas, mais do que isso, o conteúdo das histórias faz parte e auxilia na formação do caráter da criança. Além de ser uma das melhores formas de ajudar as crianças a lidarem com as descobertas e transformações pelas quais todos nós passamos quando estamos crescendo e se desenvolvendo. Ao ouvir uma história, a criança vivencia o imaginário e explora por completo se vendo na ação dos personagens, colaborando para a construção da ética e da identidade própria de cada criança.

5 METODOLOGIA

Meu trabalho de pesquisa segue um método qualitativo onde o autor é o sujeito e o objeto da pesquisa, Silveira, (2009, p.31) define como:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

Pretendo trazer recortes de cenas vivenciadas por mim após contações de histórias em sala de aula, onde através do meu diário de aula, realizei anotações sobre momentos importantes durante minha prática docente. Meus planejamentos são focados na aprendizagem através das histórias, observando a evolução do desenvolvimento dos alunos e como a história interfere no mesmo.

Para este trabalho, além de discutir a possibilidade de trabalhar com essas histórias em sala de aula, também é utilizado como referencial teórico artigos relacionados ao tema, já apresentados na sessão de revisão bibliográfica. Essas histórias passaram a fazer parte da vida de muitos adultos, com certeza você que está lendo lembra de alguma história contada na infância. Portanto, este trabalho propõe a utilização da literatura infantil para auxiliar no desenvolvimento das crianças e em como essa utilização pode se tornar um importante recurso em suas aulas.

Entendo que o momento da contação é um grande auxílio para a criança se sentir à vontade em expressar seu sentimento através da história, pois a contação de histórias é uma prática antiga na nossa sociedade que ajuda a propagar a cultura, expressando sentimentos, conhecimentos e experiências, apesar de ser uma tradição cultural, é pouco vivenciada nos anos iniciais, essa perda ao longo do tempo que é o fator do meu interesse.

Ao longo do meu trabalho em sala de aula fui observando e fazendo anotações da evolução dos alunos após cada contação de histórias de forma lúdica, sempre

explorando a oralidade. A intencionalidade em minhas escolhas foi de acordo com a necessidade de aprendizagem do grupo e em alguns momentos específicos para cada aluno, escolhendo histórias que eles se identificassem. Nós professores somos intermediadores em sala de aula, com isso ao trabalhar a contação de história com nossos alunos devemos levar em considerações estratégias que facilitem a apropriação da contação, para que assim eles possam compartilhar a história.

As crianças precisam compreender a história de forma que quando contarem saibam transmitir as emoções, mas como melhoramos a compreensão dos alunos acerca da história? Acredito que as intermediações e questionamentos no início, meio e fim da história ajude os alunos a se apropriarem. O contato visual e os gestos acometidos durante a contação como uma forma de ilustração são importantes para quem está escutando a história, pois cria o vínculo contador/ouvinte e demonstra segurança. Outro ponto importante a ser falado é a segurança, o contador precisa estar seguro sobre sua interpretação da história, assim como ele precisa acreditar naquilo que está contando de uma forma que se torne real na mente de quem imagina, quando se torna real na imaginação de nossos alunos eles transmitem com a mesma intensidade em que escutaram.

6 NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA

O momento da contação de histórias é uma parte da aula que precisa ser aconchegante para nossos alunos, é importante criarmos um momento em que a criança foque no que iremos contar para eles. As histórias criam laços com quem as escuta, laços que não podemos ver mas podemos sentir, as crianças são a prova desses laços.

Planejar uma aula na qual a contação de histórias é o material didático principal, a escolha da história é baseada no que desejo ensinar aos alunos, tanto para a aprendizagem quanto para o desenvolvimento. Através das histórias nos é possibilitado diversos pontos de evolução com a aprendizagem dos nossos alunos, porém, às vezes, deixamos despercebidos os avanços após uma contação por focarmos apenas nas aprendizagens formais.

Me recordo de planejar uma aula para trabalhar o letramento e alfabetização, escolhi o livro “às vezes eu tenho medo” ele fala sobre os medos e como enfrentá-los. Ao observar o brincar dos alunos notei as influências da contação, a brincadeira de “mamãe e filhinho” seguiu um novo rumo, agora o filho não dormia mais com a mãe, pois como o próprio o aluno havia me relatado “o escuro é só a cor preta, se eu acender a luz vou ver todas as cores de novo”. Nesse momento refleti sobre a influência que uma contação de histórias com intencionalidade pode exercer sobre nossos alunos, e como ela auxilia no desenvolvimento deles.

Após esse episódio meus planejamentos passaram a ter o foco nas contações de histórias, assim como para as aprendizagens didáticas os livros me possibilitaram incluir aspectos subjetivos dos alunos. Os livros infantis abordam temas como o medo e anseios, família, amigos, alimentação, raça/etnia entre outros, trabalhar através deles é uma experiência enriquecedora para as crianças. Trarei alguns relatos pessoais das minhas vivências com a contação de histórias em sala de aula e como as mesmas impactaram as crianças e suas relações interpessoais.

6.1 Livro: “Casa dos sentimentos: O danado do medo”



Fonte: Página da Amazon¹⁰¹¹

Trabalhando sobre os sentimentos, decidi trazer um livro que abordasse mais de um sentimento, o livro “A casa dos sentimentos” é uma coletânea que dentro existem várias histórias sobre sentimentos, narradas por crianças. Durante o dia nós sentimos um turbilhão de sensações diferentes e se para um adulto já é difícil compreender, imagina para uma criança que está recém aprendendo. “O danado do medo” aborda diversos medos comuns na infância e também na vida de muitos adultos, como medo do escuro, de filme de terror, de falar em público, de ir ao dentista, entre outros. Em uma parte específica do livro se fala sobre o medo ser considerado saudável até certo ponto, pois nos coloca em alerta, é importante que as crianças consigam compreender que o medo faz parte da construção da coragem.

Antes de iniciar a contação conversei com eles sobre do que eles sentem medo e então tive diversas respostas comuns: “Bicho papão, medo do escuro, de tomar banho no mar, medo de dentista e medo de tomar vacina” e medos como: “medo de perder a mamãe/papai/vovó e de se machucar”. Falei para eles sobre meus

¹⁰ Disponível em:

<https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/51Kao5dLdlL_SX258_BO1.204.203.200_QL70_ML2_.jpg>

¹¹ Disponível em:

<https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/51sEj9IK8iL_SX491_BO1.204.203.200_.jpg>

medos, para que se identificassem e contei a história de forma lúdica, com o auxílio de um avental próprio para contações. Após isso, desenhamos nossos medos, amassamos e colocamos no lixo. Observei nas brincadeiras que eles lidavam com os medos através do brincar, andavam de avião, iam ao médico e até tomavam vacina.

A literatura infantil nos dá o passaporte para acessar o imaginário infantil e trabalhar o medo com o auxílio da contação de histórias, que se torna um instrumento valioso para nós docentes. O medo é abordado em diversas histórias, com o intuito de trabalhar esse lado emocional da criança, seja o medo de uma pessoa, de uma situação ou de si mesmo.

De acordo com Corso e Corso (2013) o medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção, e que grande parte delas provém do mistério. Ele age como uma fuga da nossa própria mente, que de certa forma nos deixa em estado de alerta para possíveis problemas e essa é uma forma também de explorarmos nosso sentimento de coragem e de ultrapassar os obstáculos que surgem no nosso caminho. A grande parte das histórias infantis trazem elementos que tem como objetivo ensinar as crianças sobre os medos e que é possível vencê-los. Inclusive podemos notar que eles se sentem presos nas narrativas que contêm animais assustadores, grandes mistérios e as pessoas más. A autora justifica isso afirmando que “não interessa às crianças o paraíso pacificado, sem conflitos. Elas desejam o medo, o prazer do mistério e do desafio, aos quais respondem com a máxima potência de suas fantasias de onipotência.” (CORSO; CORSO, 2013, p.18).

O medo se torna importante no processo de desenvolvimento da criança pelo fato de que, conhecendo o que sentimos medo, eles se tornam mais previsíveis e fáceis de superar e vencer. Uma criança não vai ter medo do que ela desconhece, de alguma forma a mesma já ouviu falar ou viu o que a amedronta, e na infância é comum que os medos das crianças sejam parecidos, como médico, escuro, etc. Corso e Corso (2013) afirmam que o pior medo é aquele que não conhecemos, e por isso o terror habita na escuridão, e dessa forma conhecermos o que nos causa medo, nos dá subsídios o suficiente para encará-los. Por outro lado, Mengue (2010, p.17-18) traz que:

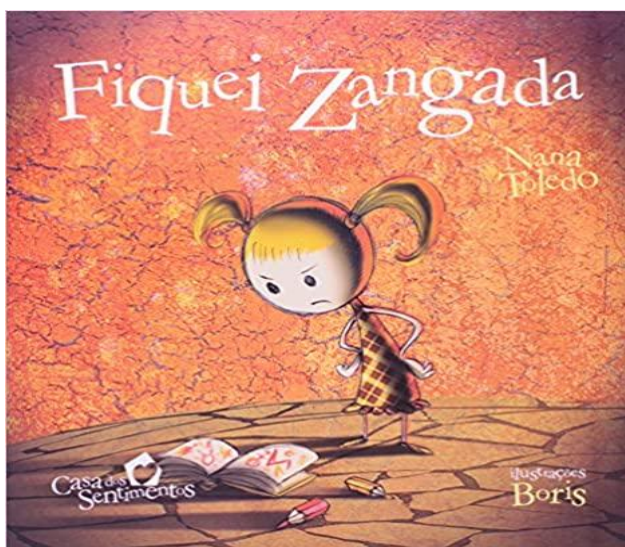
Diz-se popularmente que não nascemos com o medo, ele nos é ofertado, repassado já nos primeiros anos de nossas vidas, por cultura ou situações então vivenciadas com as pessoas que nos cercam, ou seja, o medo por muitas vezes não é meu e sim um sentimento aliado a sensações verdadeiras ou não que posso desenvolver para com alguém ou alguma situação, ainda um sentimento gerado a partir de um convívio de afirmações que geram medos.

Em uma pesquisa feita por Mengue (2010) em relação a um aluno em questão que tinha medo de tudo e de se relacionar com seus colegas, ela utilizou a contação de histórias do livro “A chapeuzinho amarelo” que conta a história de uma menina que tinha medo de tudo. Através dessa contação a autora constatou como foi importante para o aluno compreender que medos podem ser enfrentados. A autora afirma que foi observando os avanços do aluno em questão e na medida em que ela o elogiava, ele se sentia mais confortável em fazer coisas que não fazia antes.

Nós podemos observar que alguns medos são repassados, e que a visão dos pais serem como super heróis é uma forma das crianças se protegerem de tais medos. A escola acaba sendo o primeiro lugar em que a criança se vê longe dos seus protetores e isso acaba causando diversos recuos, por isso acaba sendo comum o choro nos primeiros dias pois, essa é uma situação totalmente adversa ao que eles estão acostumados, e se o novo causa medo em nós, quem dirá nas crianças que estão recém vivenciando essa experiência.

De acordo com Mengue (2010) o professor é uma figura importante para que esses medos sejam enfrentados da melhor forma, e que a literatura infantil é o grande aliado pois, tem o poder de trabalhar a situações problemáticas através do encantamento e da imaginação. Ou seja, mais uma vez a figura do docente é de fato o diferencial na ligação entre a criança ouvinte da história e a história. Trabalhar o medo através das narrativas infantis, provoca o pensamento crítico da criança em relação aos problemas, e isso auxilia a compreensão de que ela pode enfrentar e resolver os mesmos.

6.2 Livro: “Casa dos sentimentos: Fiquei zangada”



Fonte: Página da Amazon¹²

Decidi continuar usando o livro “A casa dos sentimentos” para um trabalho mais completo sobre essa temática. A história escolhida dessa vez foi “Fiquei zangada” uma menina narra sobre quando se sente zangada com determinadas pessoas ou situações, mas compreende que todo mundo se sente assim alguma vez e que faz parte.

Como sempre instigo eles a pensar antes de iniciar a contação, perguntei sobre quando se sentem zangados e com quem, obtive diversas respostas: “Quando o coleguinha pega meu brinquedo sem pedir, quando mamãe chama minha atenção, quando preciso tomar banho e parar de brincar” entre outras. Iniciei a contação de forma lúdica, com o auxílio apenas da oralidade, de forma lúdica e bem representada de cada sentimento e da personagem do livro. Após a contação conversei com eles e confeccionamos o “Raivinho” uma carinha brava feita de cartolina, sempre que eles se sentiam assim um deles pegava o “Raivinho”¹³ e desabafava, entre eles havia resistência de alguns já outros compreendiam o momento do colega. Obtive relato de alguns pais sobre eles contarem essa história em casa.

¹² Disponível em:

<https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/61K+6GiWpXL_SX258_BO1,204,203,200_.jpg>

¹³ Não possui o objeto pedagógico pois, sai da escola.

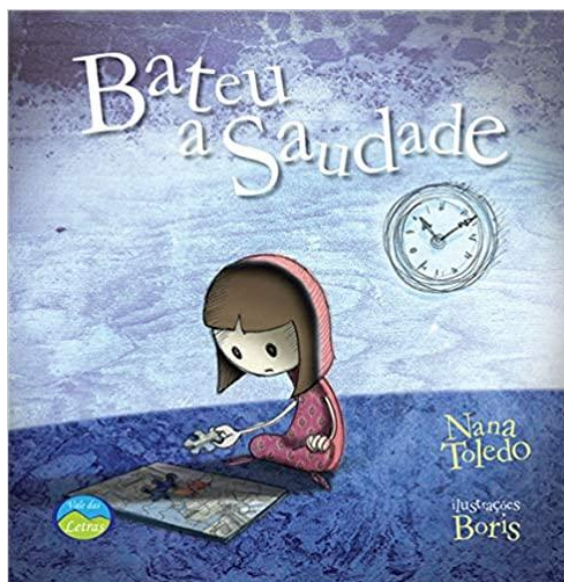
Conforme foram surgindo histórias com o intuito de inspirar as crianças, foram também surgindo personagens que vivenciavam sentimentos que eram novos para o universo infantil, em específico os sentimentos que eram sempre camuflados pelos adultos ao seu redor, como raiva, tristeza e dor. De acordo com Corso e Corso (2013) trazer histórias com o foco em abordar esse tipo de emoção é a forma de colocar personagens simples no qual as crianças se identificam, dentro de narrativas ricas de significados. Segundo os autores:

Para dar conta dessa necessária sofisticação da ficção, foram surgindo histórias que contam com personagens mais complexas, aquelas que exemplificam que é possível ser corajoso, mas ter fobias, ser bom, mas sentir inveja, querer fazer a coisa certa, mas estragar tudo, ser vingativo, ter dificuldade de controlar a raiva. (CORSO; CORSO 2013, p.173).

As histórias colocam as crianças frente a frente com diversas problemáticas, elas levam as crianças a alcançarem um lugar de pensamento crítico e exploratório, para assim refletirem sobre si mesmo e sobre a vida. Dessa forma elas experimentam diversos sentimentos, um deles é a raiva, pois de acordo com Abramovich (1991) as crianças ficam livres para provar desses sentimentos que ficam castrados por serem considerados sentimentos ruins, e um desses sentimentos citados pelo autor é a raiva. Percebemos então que o simbólico vem para permitir que eles possam não só vivenciar, como compreender que são sentimentos banais e que não é ruim ou errado se sentirem assim, apenas é necessário que saibam lidar.

Segundo Corso e Corso (2013) no conto “João e o Pé de Feijão” (1807) de Benjamin Tabart podemos vivenciar o sentimento de raiva colocado na história, quando a mãe de João fica brava com ele, pois João havia trocado a vaca que ela pediu para ele vender, por três grão de feijão, ela joga esses feijões pela janela e o manda dormir sem jantar. Sabemos que as figuras de pai, mãe ou responsáveis tem o intuito de proteger as crianças desses sentimentos, ou até mesmo ocultá-los. Dessa forma, a identificação da criança com personagens que vivenciam momentos de raiva, traz à tona o sentimento de que se elas se sentirem assim é normal e isso não a torna diferente dos demais.

6.3 Livro: “Casa dos sentimentos: Bateu saudade”



Fonte: Página da Amazon¹⁴

Ainda utilizando as narrativas do livro “A casa dos sentimentos” trouxe a história “Bateu saudade”, uma menina narra sobre a saudade que sente de seu pai que foi viajar, durante a narrativa ela conversa com sua mãe e seu pai sobre a saudade que todos sentem e que só sentimos saudade de algo que amamos/gostamos e que isso fica guardado no nosso coração.

Para contextualizar antes da história, conversei com a turma para descobrir se eles sabem o que é saudade, alguns não sabia então expliquei e conversamos sobre isso, falei do que sinto saudade e eles me contaram o que sentem e iniciei a contação da história. Iniciei a contação de histórias com o auxílio do avental próprio para contação.

Após a história, conversamos sobre guardarmos em um canto especial dos nossos corações aquilo e aqueles de quem sentimos falta, essa história acabou

¹⁴ Disponível em:

<https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/516ee1ppwfl_SX258_BO1,204,203,200_QL70_ML2_.jpg>

sendo em um momento oportuno pois, o pai de uma das minhas alunas é médico e estava isolado da família, pois estava com suspeita de COVID-19¹⁵.

De acordo com Vasconcelos (1914)¹⁶ *apud* Oliveira (2019, p.18) os primeiros momentos que se fala de saudade foi em torno de 1200, através da obra de Dom Sancho - O velho, onde a saudade pode ser dividida em dois eixos, um lamento de amor e um lamento cuidadoso. Segundo a autora, os trovadores utilizavam as palavras soedade/soidade para falar da saudade como uma forma de lamento e solidão.

A saudade nos remete a falta que algo nos faz, algo que tínhamos apreço e que não temos mais acesso. Sentimos falta de pessoas que se afastaram ou que faleceram, sentimos falta de vivências que tivemos, de locais que visitamos e muitas vezes do passado. Pudemos sentir latente esse sentimento no momento em que nos encontramos, a pandemia nos ensinou muito sobre a saudade e de como é doloroso sentir falta de algo e essa falta não ser suprida, seja qual for o motivo.

De acordo com Corso e Corso (2013), a história do “O Patinho feio” (1843) de Hans Christian Andersen, traz uma abordagem do sentimento de saudade se referindo a um lugar, pois o patinho esteve em diversos locais, se refugiando e recebendo ajuda, mas por sentir saudade do lado, voltou para ele que era seu verdadeiro lar. A verdade é que sabemos ao final do dia para onde queremos voltar e de como sentimos falta do nosso lar quando estamos longe, assim como das pessoas que amamos e não podemos estar juntos no momento.

Quando conversamos com as crianças sobre a saudade, devemos lembrá-las de que esse sentimento é um dos que mais se faz presente na nossa vida. De acordo com DaMatta (1993)¹⁷ *apud* Oliveira (2019) o tempo é requisito para a saudade, pelo fato de a saudade ser uma medida do tempo, assim como, o tempo é também seu medidor, ou seja, o relógio da vida não para e conforme vamos mudando nossas

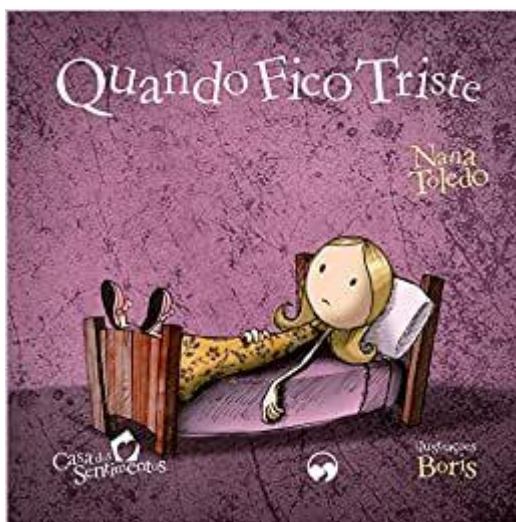
¹⁵ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

¹⁶ VASCONCELLOS, Carolina Michaelis. (1914) **A Saudade Portuguesa**: divagações filosóficas e lítero-históricas em volta de Inês de Castro e do cantar velho Saudade Minha – quando te veria. Edição Renascença Portuguesa, Porto: 1994

¹⁷ DAMATTA, Roberto. **Conta de Mentiroso**: sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

rotas, o tempo vai se encarregando de nos trazer a falta do que já vivemos e de quem ou o que já conhecemos.

6.4 Livro: “Casa dos sentimentos: Quando eu fico triste”



Fonte: Página da Amazon¹⁸

Trabalhar o sentimento de tristeza em sala de aula foi importante, para que eles compreendessem o momento dos colegas e o porquê do choro. Com isso trouxe mais uma história do livro casa dos sentimentos, chamado “Quando eu fico triste” que é narrado por uma menina que começa a reparar que a tristeza é algo pela qual todos ao seu redor passam e que não há nada demais em ficar chateada e soltar algumas lágrimas, pois tudo passa.

Para iniciar a contação conversei com eles sobre a tristeza, o que é e quando sentimos, eles relataram seus diversos momentos de tristeza e choro e eu também, nisso já surge o questionamento se os adultos também choram. Aproveitei esse gancho para iniciar a contação de histórias, utilizando apenas oralidade, mas bem representada, demarcando na voz cada sentimento da personagem. Ao final conversamos sobre a tristeza ser algo passageiro que todos sentimos em algum momento e que chorar não é errado muito menos feio, é uma forma de expressar o que sentimos e às vezes só precisamos de alguém que nos entenda e nos escute

¹⁸ Disponível em:

<https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/61BxSgHoBIL._SY496_BO1.204.203.200_.jpg>

para que nosso coração se alivie, ou como fala na história um docinho também contribui para nossa alegria.

Quando falamos de tristeza e crianças, nos remetemos diretamente aos choros que muitas vezes denominamos de “drama”, porém precisamos compreender que é mais do que isso, criança também se sente triste, pois este não é um sentimento exclusivo dos adultos, por mais que muitos façam parecer isso. Precisamos normalizar a compreensão de que, apesar do motivo da criança estar triste ser um brinquedo que estragou ou um amigo que brigou, não é menor que o que sentimos, existem diversos tipos de tristeza e cada um reage a ela de uma forma.

De acordo com Oatley e Jenkins (2002)¹⁹ *apud* Fernandes (2017) a fala é um dos principais fatores na ajuda da criança a regular suas emoções. Na vida da criança as poucas coisas que fogem da sua normalidade as entristecem, e é papel do adulto conversar com a criança para compreender, para que assim ela possa desenvolver a autoconsciência de reconhecer suas emoções. Assim como em situações de desentendimento com as amigas, a criança seja capaz de desenvolver a compreensão de se colocar no lugar do outro e a consciência social.

Diversas histórias abordam o sentimento de tristeza mesmo que sem dar ênfase, e essa demonstração de emoção fica marcado nas crianças que escutam a história, exemplo disso é na história da cinderela, uma história que não fala de tristeza, mas podemos identificar de que cinderela está triste por ter perdido seu pai e ser tratada mal por sua madrasta. A contação de histórias bem mediada, pode dar ênfase nesse sentimento, mesmo que não seja o foco da história.

Compreendemos que a maioria das histórias infantis possuem o famoso “final feliz” e o mesmo se torna a certeza de que apesar dos males e das tristezas que os personagens passaram ao longo da história, eles ficaram bem e felizes no final. Segundo Coelho (1997, p. 56): “O final feliz acena com a esperança no fim das provações ou ansiedades.”

¹⁹ Oatley, K., & Jenkins, J. M. (2002). **Compreender as emoções**. Lisboa: Instituto Piaget.

7 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo abordar qual a influência da contação de histórias e do trabalho com histórias infantis no desenvolvimento das crianças. Para isso foi necessário utilizar seções, sendo elas: A educação infantil e os anos iniciais, abordando seus desdobramentos ao decorrer dos anos, com o apoio das Leis de Diretrizes e Base (LDB) de 9.394/1996 e da Constituição Federal de 1988, que garantem às crianças o direito de uma educação de qualidade, sendo considerados sujeitos de uma sociedade. A segunda seção aborda a contação de histórias na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e a forma em que a contação de histórias, mesmo não tendo uma parte definida, está inserida em todas as etapas como parte importante do currículo escolar.

A terceira seção deste trabalho, fala sobre a literatura infantil ao longo dos anos, como surgiu os autores que focaram suas escritas para o público infantil e de que forma a contação era um aliado para a literatura. Tendo em vista que sabemos que estamos vivendo em uma era tão digitalizada, os livros acabam dando lugar aos tablets e computadores, nesse momento vemos como a contação ilustra, dá vida para as histórias através do lúdico, essa é a forma de atrair o público infantil para que consumam mais livros de histórias.

A quarta seção tem o intuito de abordar a contação de histórias e o desenvolvimento infantil. Sabemos a quão benéfica as histórias infantis são para a aprendizagem orgânica das crianças como aprender a ler e escrever, mas nesta seção do trabalho eu convido as pessoas a compreenderem como as histórias podem auxiliar no desenvolvimento das emoções e ações das crianças. Através de uma contação trabalhamos diversos sentimentos que ainda são novos para o público infantil.

De acordo com Bettelheim (2002), as histórias trazem, em algumas ocasiões, as soluções e a melhor forma de aprender com nossas vivências. Pois, através da imaginação elas se colocam nas situações vivenciadas pelos personagens e descobrem que sempre há um jeito e que se não for como imaginávamos, teremos

que lidar, pois tudo passa. Sabemos que na vida real nem tudo é um final feliz, mas saber lidar com as tristezas e lamentos da vida, nos torna mais fortes, por isso é importante que as crianças saibam lidar com seus sentimentos considerados negativos. Mas quando falamos sobre as soluções, falamos do final feliz que acena para as crianças como uma forma de compreensão, pois apesar de todos os percalços que elas terão de enfrentar na sua vida, sempre há um jeito de tentar e tentar já basta.

Por fim trago algumas de minhas vivências em sala de aula, onde a contação de histórias sempre foi a peça chave do meu trabalho docente. Com alguns recortes de cenas das histórias que me marcaram, eu contribuo com uma análise da influência das mesmas sob os meus alunos, podendo perceber o quão positivo foi e continua sendo para mim, basear minha prática pedagógica em histórias infantis, trazendo alegria e identificação aos meus alunos, através das contações.

Após o desenvolvimento do meu estudo e meus trabalhos voltados para a influência da contação de histórias, evidenciou-se o quão fundamental é a contação para o desenvolvimento das crianças. Quando me propus a pensar em um trabalho de conclusão de curso, levei em consideração um tema que abordasse minha forma favorita de docência, o meu lar. A contação de histórias me fascina, há uma magnitude de formas de aprendizagem através dela e para isso acontecer é preciso somente olhar com atenção para nossos alunos. O olhar muda tudo. O olhar muda o mundo.

REFERÊNCIAS

A IMPORTÂNCIA da contação de histórias na educação infantil. 20 set. 2016. Blog da Árvore, sem um autor ou moderador descritos. Disponível em <<https://www.arvore.com.br/blog/importancia-contacao-historias-educacao-infanti/>>. Acesso em 15 set.2021.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices.** 5 ed. São Paulo: Scipione, 1991, 123p.

BALDI, E. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura.** 1 ed. Porto Alegre: Projeto, 2009, 176p.

BARBIERI, Fabiane Crys. **Reminiscências... A tradição oral através de narrativas de vida presentes no oeste de Santa Catarina.** 2015. 84f. Dissertação (Mestrado em Letras) –Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2015

BELINKY, Tatiana. **A cesta da dona Maricota.** 14 ed. São Paulo: Editora Paulinas, 1998, 24p.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** 16 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002, 335p. Traduzido do original em inglês: The Uses of Enchantment The Meaning and Importance of Fairy Tales por Arlene Caetano.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza (Orgs). **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, 185p.

BRANDOLI, Fernanda Maria. Educação infantil: a inversão da dicotomia entre o ensino público e o privado. **Revista Educação por Escrito**, Porto Alegre, v.3, n.1, p.41-52, jul. 2012. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/poescrito/article/view/11109/8106>> Acesso em: 14 de set, de 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em:

BRASIL. **Lei nº 010172 , de 9 de janeiro de 2001..** Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 de janeiro de 2001: Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L10172.pdf>> . Acesso em: 23 mar. 2017.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jul. 1991.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf>. Acesso em:

BRITO, A.N.M. *et al.* Contação de histórias: ferramenta de promoção de alimentação saudável em uma creche pública. **Research, Society and Development**, São Paulo, v.9, n.1, p.1-14, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1865>>. Acesso em:

BUENO, Priscila Pellegrini de Almeida. Mediação semiótica nas práticas pedagógicas. *In: 8ª mostra acadêmica Unimep*, 2010, Piracicaba. Desafios da Educação Superior na Agenda do Novo Milênio. Piracicaba: Unimep, 2010. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/8mostra/5/168.pdf>> Acesso em 12 de nov, de 2021.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, 123p.

CAMPOS, R.K.N., PEREIRA, A,L,S. Primeiras iniciativas de educação da infância brasileira: Uma abordagem histórica (1870 - 1940). *In: Educere XII congresso Nacional de educação*, 2015, Curitiba. Formação de professores complexidade e trabalho docente. Curitiba: PUCPR, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ifs.edu.br/biblioteca/bitstream/123456789/609/1/Primeiras%20iniciativas%20de%20educacao%20da%20infancia%20brasileira.pdf>> Acesso em 16 de set, de 2021.

CASTILHO, Yoná Gabriela. **A promoção da segurança alimentar e nutricional por meio da contação de histórias**. 2018. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar) – Universidade Federal da Integração LatinoAmericana, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/5601>> Acesso em 10 de nov, de 2021.

COELHO, Betty. **Contar histórias – Uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 1997, 78p.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006, 326p.

DAMATTA, Roberto. **Conta de Mentiroso**: sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, 209p.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio, para onde vai. **Educação Infantil**: a creche, um bom começo. Brasília, v.18, n.73, p.11-28, jul. 2001. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3033/2768>>. Acesso em:

DINIZ, Taisa Barcelos Claudino. **A contação de histórias e sua influência no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança**. 2013. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4444/1/MD_EDUMTE_2014_2_110.pdf> Acesso em 12 de nov, de 2021.

FERNANDES, Mariana Duarte da Costa. **A importância da literatura infantil no desenvolvimento socioemocional das crianças**. 2017. 79f. Relatório Final (Mestrado em Educação) – Escola Superior de Educação de Coimbra, Coimbra, 2017. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23137/1/MARIANA_FERNANDES.pdf> Acesso em 12 de nov, de 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22.ed. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1988. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf> . Acesso em:

GERHARDT, T. E., SILVEIRA, D. T (org). **Métodos de pesquisa**. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009, 120p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em:

GUIMARÃES, Célia Maria. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.18, n.38, p.80-142, set./dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818382017081>>. Acesso em:

JUZWIAK, Claudia Ridel. Era uma vez... um olhar sobre o uso dos contos de fada como ferramenta de educação alimentar e nutricional. **Interface Comunicação, Saúde, Educação**, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000200019&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em:

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)**. São Paulo: Loyola, 1988, 182p.

KUHLMANN, Moysés Jr. A educação Infantil no século XX. In: STEPHANOU, Maria. BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 182-194.

KUHLMANN, Moysés Jr. O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. In: MONARCHA, Carlos, (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas, SP: Autores Associados (Coleção educação contemporânea), 2001, p. 3-30.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, 145 p.

MENEGON, Andréia Arruda; LOPES, Shirlen; MORAIS, Silvana Reifur. O mundo encantado da literatura infantil. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, v.1, n.66, 2014. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/artigo/o-mundo-encantado-da-literatura-infantil>>. Acesso em 16 de set, de 2021.

MENGUE, Carem da Silva. **A importância da contação de contos de fadas na resolução de dramáticas de medo**. 2010. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pólo Três Cachoeiras, 2010. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/37721>> Acesso em 12 de nov, de 2021.

NÓBREGA, Laysa Maria de Oliveira. **A mesa de clarice lispector: a literatura na promoção da alimentação saudável nas escolas**. 2015. 109f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2015. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/9103/1/LAYSA%20MARIA%20ODE%20OLIVEIRA%20N%c3%93BREGA%20-%20TCC%20NUTRI%c3%87%c3%83O%202015.pdf>> Acesso em 09 de nov, de 2021.

OLIVEIRA, Marineis de Souza. **A contação de histórias para crianças da educação infantil**. 2020. 46f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiania, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/995>>. Acesso em 23 de set, de 2021.

OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletherio de. **Sobre saudades faladas: um estudo com narrativas no Sertão de Pernambuco**. 2019. 150f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/35357>>. Acesso em 01 de nov, de 2021.

PASCHOAL, J,D; MACHADO, MC,G. A história da educação infantil no Brasil: Avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.33, p.78-95, mar.2009. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555/7124>>. Acesso em:

PEREIRA, Joseane. **Griots**: Os contadores de histórias da África antiga. 2020. Aventuras na história, 2020. Texto retirado do site: Aventuras na História. Disponível em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-griots-contadores-de-historias-da-africa-antiga.phtml>> Acesso em: 13 set. 2021.

PEREZ, Luana Castro Alves. **História dos contos de fadas**. Texto retirado do site: Brasil Escola sem data de postagem. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>>. Acesso em 23 de setembro de 2021.

RESENDE, Diana Campos de. RODA DOS EXPOSTOS: um caminho para a infância abandonada. 1999. 27 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em História de Minas no Século XIX, Universidade Federal de São João Del-rei, São João Del-rei, 1999. Disponível em: Disponível em:

<<https://www.ufsj.edu.br/paginas/temposgeraisantigo/n1/artigos/roda.pdf>>. Acesso em: 13 de set, de 2021.

ROCHA, Waldyr Imbroisi. Deus e o Papa nos Contos de Grimm: Reflexões sobre o Catolicismo no Romantismo. **Revista Anagrama**: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, v.4, n. 3, p.1-12, mar./maio, 2011. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35526>>. Acesso em:

SALEM, Nazira. **História da literatura infantil**. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970. 194 p.

SANTOS, L.M.S.; VILELA, E.S.M. **O lúdico através da contação de histórias**: uma proposta entre imaginar, divertir e aprender. 2018. Texto retirado do site: Brasil Escola. Disponível em:

<<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/o-ludico-atraves-contacao-historias-uma-proposta-entre-imaginar-divertir-aprender.htm>>. Acesso em:

SANTOS, M,R,E. **A contação de história na educação infantil e na escola**. 2014. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal Da Paraíba, Conde, 2014. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/4280>> Acesso em 16 de set, de 2021.

SILVA, Mikaele Gomes da Rocha da. **Possíveis contribuições da literatura na educação infantil para a formação do aluno leitor**. 2013. 75f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em <<https://bdm.unb.br/handle/10483/7377>> Acesso em 21 de set, de 2021.

SILVA, Verônica Bemvenuto de Abreu e. **Cinderela e os pequenos leitores**: a percepção infantil de figuras femininas nas obras literárias “Família da Cinderela”, de

Roque Jacintho, e “Cinderela em Família”, de Kate Lúcia Portela. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/38793>> Acesso em 21 de set, de 2021.

SOUZA, Liliane Pereira. **Reflexões sobre sensibilidade e a importância da criação de espaços afetivos na escola por meio da arte.** 2020. 45f. Monografia (Especialização em Artes Visuais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34597>> Acesso em 16 de set, de 2021.

TAUBMAN, Andrea Viviana. **O menino que tinha medo de errar.** 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Zit, 2012, 40p.

TOLEDO, Nana. **A casa dos sentimentos.** 2 ed. Água Verde: Editora Gato Leitor; 2015, 32p.

TOSSI, Kaliandra Silva, CAVALLARI, Sandra A. Literatura infantil: a contação de histórias enquanto instrumento de aprendizagem na creche. **Revista de comunicação científica (UNEMAT)**, Mato Grosso, v.3, n.1, p.33-39, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/rcc/article/view/3092/2480>> Acesso em 17 de set, de 2021.

VASCONCELLOS, C. M. **A Saudade Portuguesa:** divagações filosóficas e lítero-históricas em volta de Inês de Castro e do cantar velho Saudade Minha - quando te veria? Porto: Renascença Portuguesa, 1914, 156p. Disponível em: <<https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=download&id=83423>>. Acesso em:

VENDRAME E,C,S, DE PAULA, E,M,A,T. Histórias que Brincam e encantam: O contar histórias na formação docente. **Revista Conexão UE,** Ponta Grossa, v, 16, p. 01-11, 2020. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/13483>> Acesso em 16 de set, de 2021.